

Caros leitores! É um prazer apresentar *IGARAPÉ* à comunidade de leitores interessada em debates sobre cultura, diversidade, colonização e descolonização envolvendo as Letras e todas as ciências humanas. Estimular a produção de conhecimento e o debate a partir da Amazônia e contribuir também para divulgar conhecimentos produzidos sob diversos ângulos, partindo de diversos lugares e olhares é nossa intenção. Samuel Benchimol, que dedicou sua vida a estudar a Amazônia, afirma, em seu artigo *Amazônia Nossa: Formação Social e Cultural*, que “A Amazônia é um segmento e produto brasileiro tropical de múltiplas correntes e grupos culturais”. Podemos dizer, é assim uma sociedade aberta, diversa, sempre enxertando novos valores e novas ideias. Neste aspecto nossa proposta de oferecer um espaço para discussões sobre diversidade da Amazônia e as múltiplas forças que fazem parte deste cenário deve ser uma maneira de descolonizar o conhecimento. Sugerimos que discussões sobre processos culturais de povoamento, ocupação humana, colonização, descolonização em seus vários aspectos sejam expostas, debatidas, interrogadas. A Amazônia que é multiétnica, multilíngue e que está sob os olhares diversos do mundo inteiro também precisa ser ouvida, precisa apresentar o seu contra discurso. O nome *IGARAPÉ* sugere algo bem amazônico, como a etimologia do nome sugere: um canal que dá passagem a canoas ou barcos, canal que ajuda o barco a fluir, a seguir leve entre as águas aparentemente calmas da Amazônia. Assim nosso periódico também pode ser um canal para muitas ideias, discursos, contra-discursos, controvérsias, ponderações sobre literatura, educação, cultura e diversidade na Amazônia. Que seja um canal para se ligar a pesquisadores do mundo inteiro.

Este primeiro número de *Igarapé* conta com a colaboração de professores e pesquisadores da região amazônica e de fora dela. O professor Dr. Dante Fonseca apresenta um interessante artigo sobre a história e a cultura da fronteira. Os professores João Carlos Gomes e Roseane de Souza discutem uma questão importante na educação: a questão de bilinguismo em escolas de surdos. O professor José M L. Junior e Raoni I Amaral colaboram com um estudo do corpo a partir de mitos e lendas de índios da Amazônia. Já a professora de literatura de língua espanhola, Juliana Bevilaquia Maiolli compartilha suas ideias sobre o escritor Jose Maria Arguedas, com o título “EL ZORRO DE ARRIBA Y EL ZORRO DE ABAJO, DE JOSÉ MARÍA ARGUEDAS: RESGATE DE UMA UTOPIA ARCAICA OU REVELAÇÃO DE UMA TOTALIDADE CONTRADITÓRIA E HETEROGÊNEA?” Na área de Educação, o artigo dos professores Carmen Velanga e Anamaria Silveira levanta questões importantes sobre inclusão. O artigo de Juracy Rodrigues nos leva a viajar sobre os textos do Êxodo e de Eneida, enquanto Sandra de Assunção, Josué da Costa Silva e Adnilson A Silva nos levam à cidade de Extrema na fronteira entre Acre e Rondônia com reflexões sobre o ser seringueiro. “O povo indígena Karitiana: histórias de lutas para sobreviver ao colonizador” é a contribuição de Gracilene N. Silva, enquanto Neila S Souza nos convida a repensar a obra *De Ouro* e de *Amazônia* de Osvaldo França Junior. Claudio Reus Silveira Hernandez e Aline Jesuína do Carmo Barbosa partilham algumas ideias sobre representação poética da mulher. Alex S. Costa apresenta uma leitura crítica de um poema de Elizabeth Bishop sobre o ribeirinho “THE RIVERMAN”. Também discutindo literatura e Amazônia, Andreia Mendonça faz uma reflexão sobre uma obra de Márcio Souza e sua tradução para o inglês. Jaqueline P. Souza também analisa o olhar estrangeiro sobre a Amazônia em seu artigo “A EXPEDIÇÃO ROOSEVELT-RONDON: A AMAZÔNIA BRASILEIRA AOS OLHOS DE UM ESTRANGEIRO NORTE-AMERICANO”. Por último,

os professores José F. F. Agripino e Babini Maurizio investigam a terminologia sobre a pesca na Amazônia. Boa leitura.

Miguel Nenevé